

Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*



Arq. Caio Nogueira H. Cordeiro

Oscar Niemeyer: Casa das Canoas (Rio de Janeiro – 1953)

Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

Se é verdade que as construções e mobílias que descrevemos como belas evocam aspectos da felicidade, poderíamos então perguntar por que achamos essas evocações necessárias.

É fácil compreender por que desejamos que atributos como dignidade e clareza tenham um papel em nossas vidas, menos claro é por que também precisamos que os objetos a nossa volta nos falem deles.

Por que faz diferença o que o ambiente em que vivemos tem a nos dizer?

Por que os arquitetos se preocupam em projetar prédios que comuniquem idéias e sentimentos específicos, e por que somos afetados de forma negativa por lugares que reverberam o que consideramos serem alusões erradas?

Por que somos vulneráveis, tão inconvenientemente vulneráveis, ao que os espaços que habitamos dizem?



Shoppings - SITE (Sculture in the Enviroment) -Sacramento (1977); Virgínia (1972)

Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

A nossa sensibilidade ao que nos cerca pode ter origem numa característica incômoda da psicologia humana: o modo como abrigamos dentro de nós muitas identidades diferentes, e nem todas parecem igualmente "nós", tanto que em determinados estados de espírito podemos nos queixar de termos nos afastado do que julgamos ser o nosso eu verdadeiro.

Infelizmente, o eu de que sentimos falta nesses momentos, o aspecto autêntico, criativo, espontâneo e indefinível da nossa personalidade, não nos pertence para que possamos evocá-lo à vontade. O nosso acesso a ele é, a um grau modesto, determinado pelos lugares onde estamos, pela cor dos tijolos, a altura dos tetos e o traçado das ruas.

Num quarto de hotel estrangulado por três vias expressas ou numa área devastada com prédios enormes e mal conservados nosso otimismo e propósito tendem a se exaurir, como água num vaso furado. Começamos a esquecer que um dia tivemos ambições ou motivos para nos sentir animados e cheios de esperança.



São Paulo - SP

Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

Dependemos do que está a nossa volta obliquamente para personificar os estados de espírito e as idéias que respeitamos e, então, nos lembrar deles. Nós queremos que nossas construções nos mantenham fiéis como uma espécie de molde psicológico, a uma visão benéfica de nós mesmos.

Colocamos ao nosso redor formas materiais que nos comunicam aquilo de que precisamos interiormente - mas estamos sempre correndo o risco de esquecer. Recorremos a papéis de parede, bancos, quadros e ruas para impedir o desaparecimento de nossas verdadeiras identidades.

Em troca, tendemos a honrar aqueles lugares cuja perspectiva combina com a nossa e a legitimiza chamando-os de "lar". Nossos lares precisam nos oferecer abrigo permanente ou guardar as nossas roupas para que mereçam esse nome.

Falar em lar com relação a uma construção é simplesmente reconhecer a sua harmonia com a nossa própria canção interior preferida. Lar pode ser um aeroporto ou uma biblioteca, um jardim ou um trailer de comida na beira da estrada. Nosso amor pelo lar é, por sua vez, um reconhecimento do quanto nossa identidade não é autodeterminada.

Precisamos de um lar no sentido psicológico, tanto quanto no físico: para compensar uma vulnerabilidade. Precisamos de um refúgio para proteger nossos estados mentais, porque o mundo em grande parte se opõe às nossas convicções. Precisamos que nossos quartos nos alinhem com versões desejáveis de nós mesmos e mantenham vivos os nossos aspectos importantes e evanescentes.



Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

São as grandes religiões do mundo que mais se preocupam com o papel representado pelo ambiente na determinação da identidade e, assim embora raramente tenham construído lugares onde possamos pegar no sono -, demonstram a maior simpatia pela nossa necessidade de um lar.

O próprio princípio de arquitetura religiosa tem as suas origens na noção de que o lugar onde estamos é crucial para determinar aquilo em que somos capazes de acreditar. Para os defensores da arquitetura religiosa, por mais intelectualmente convencidos que estejamos de nossos compromissos com um credo, só continuaremos fiéis se ele for continuamente afirmado nas nossas construções.

Por causa do perigo de sermos corrompidos por nossas paixões e desviados pelo comércio e o palavreado da sociedade, precisamos de lugares onde os valores exteriores incentivem e reforcem as aspirações interiores.

Podemos nos aproximar ou distanciar mais de Deus de acordo com o que está representado nas paredes e tetos. Precisamos de painéis de ouro e lazurita, janelas com vidros coloridos e jardins de cascalho imaculadamente alisados com ancinho para nos mantermos fiéis à parte mais autêntica de nós mesmos.

Igreja Matriz da Nossa Senhora da Candelária
Rio de Janeiro: 1775 - 1811



Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

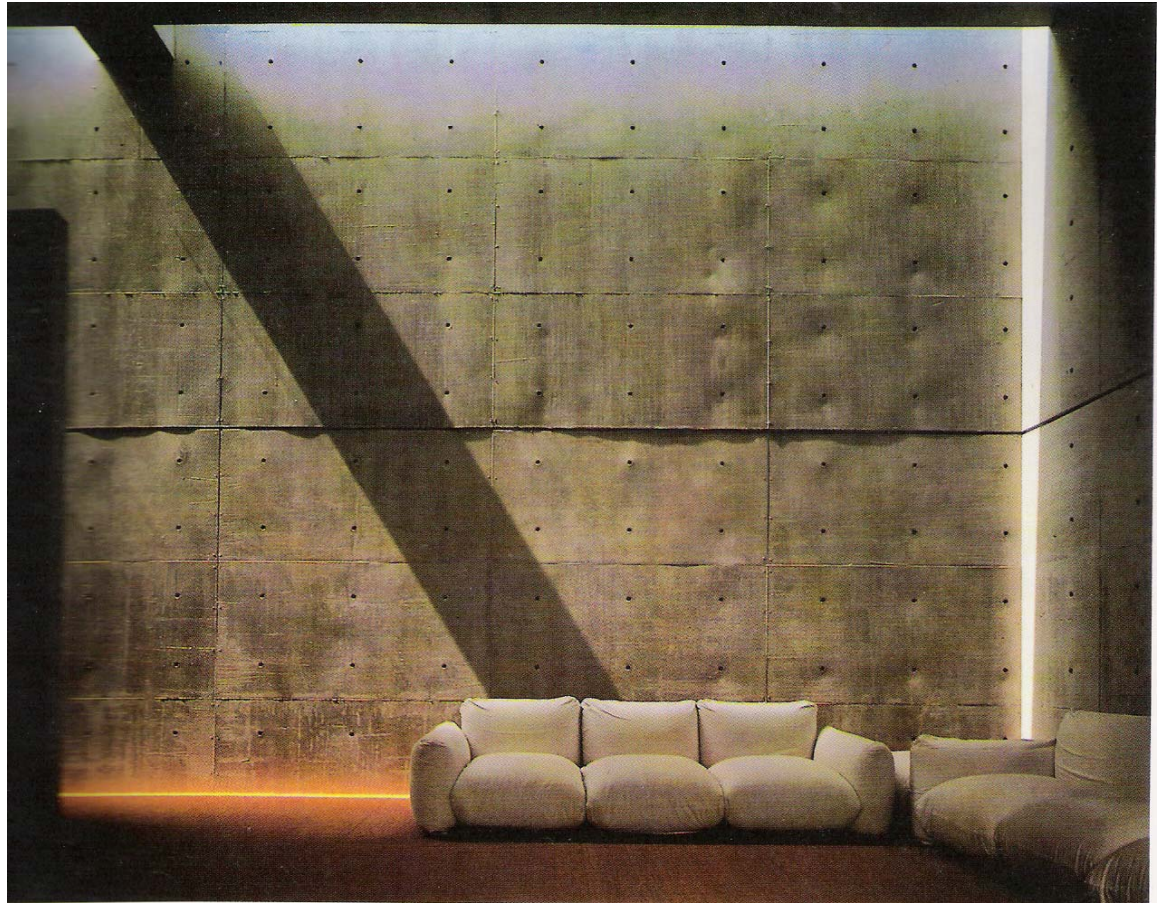
A arquitetura secular pode não defender uma ideologia nitidamente definida, não citar nenhum texto sagrado nem adorar um deus, mas, exatamente como a arquitetura religiosa, ela tem o poder de moldar aqueles que entram na sua órbita.

A gravidade com que as religiões em determinados momentos trataram a decoração de seus ambientes nos convida a dar igual importância à decoração de lugares profanos, pois eles também podem oferecer um lar à melhor parte de nós mesmos.

Defensores da busca da beleza arquitetônica, secular ou religiosa, justificam as suas ambições apelando basicamente para o mesmo fenômeno: a incapacidade do homem de prosperar em igual medida em qualquer sala em que for colocado.

O desafio para os construtores de casas comuns não é diferente do enfrentado pelos arquitetos de Chartres e da mesquita de Masjid-I Imam, em Isfahan, mesmo que seus orçamentos estejam mais próximos dos pintores das catacumbas romanas.

Num contexto secular, o nosso objetivo também é identificar objetos e características decorativas que estão correlacionadas com certos estados interiores salutares e nos encorajam a promovê-los dentro de nós mesmos.



Tadao Ando

(Casa Koshino; Hiogo, Japão; 1981)

Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

Imagine poder voltar no final de cada dia para uma casa como aquela em Rô, no norte de Estocolmo.

Nossas rotinas de trabalho podem ser frenéticas e cheias de compromissos, densas de reuniões, apertos de mão pouco sinceros, mexericos e burocracias.

Podemos dizer coisas em que não acreditamos para conquistar nossos colegas, nos sentir invejosos e excitados com relação a metas a que essencialmente não damos importância.

Mas, no final, sozinhos, olhando pela janela do hall o jardim e a escuridão se formando, aos poucos retomamos o contato com um eu mais autêntico, que estava ali nos bastidores esperando que terminássemos a nossa representação.

Nosso lado submerso extrairá coragem das flores pintadas dos dois lados da porta. O valor da gentileza se confirmará nas dobras delicadas das cortinas. Nosso interesse por um modesto e afetuoso tipo de felicidade será favorecido pelas desprezíveis tábuas de madeira do assoalho.

Os materiais a nossa volta nos falarão das mais altas expectativas que temos com relação a nós mesmos.

Neste ambiente, podemos chegar perto de um estado mental marcado pela integridade e a vitalidade. Podemos nos sentir interiormente liberados. Podemos, num sentido profundo, voltar para casa.

Sem homenagear nenhum deus, uma peça de arquitetura doméstica, não menos do que uma mesquita ou capela, pode nos ajudar na celebração de nosso eu genuíno.



Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

Assim como um quarto inteiro, um único quadro pode nos ajudar a recuperar as partes perdidas e importantes de nós mesmos.

Veja a tela de William Nicholson com uma tigela, uma toalha de mesa branca e algumas ervilhas debulhadas observadas bem de perto.

À primeira vista podemos experimentar uma certa tristeza ao reconhecer o quanto nos distanciamos do seu espírito meditativo e observador, da sua modéstia e da valorização da beleza e nobreza da vida cotidiana.

Por trás do desejo de possuir o quadro e pendurá-lo onde poderíamos examiná-lo regularmente, talvez esteja a esperança de que pela contínua exposição a ele, as suas qualidades viessem a assumir um poder maior sobre nós.

Passar por ele como a última coisa que se faz de noite ou de manhã quando saímos para o trabalho teria o efeito de um ímã que traria à superfície filamentos submersos de nossa personalidade. O quadro atuaria como o guardião de um estado de espírito.



A tigela polida com ervilhas

William Nicholson: 1911

Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

Valorizamos certas construções por sua capacidade de reequilibrar nossa natureza deformada e encorajar emoções que nossos compromissos predominantes nos forçam a sacrificar.

Sentimentos como competitividade, inveja e agressão dificilmente precisam ser elaborados, mas humildade em meio a um imenso e sublime universo, o desejo de calma no início da noite ou a aspiração por gravidade e bondade não formam uma parte correspondentemente confiável de nossa paisagem interior - uma deplorável ausência que talvez explique o nosso desejo de vincular essas emoções aos nossos lares.

A arquitetura pode amplificar e solidificar tendências transitórias e tímidas, e portanto nos permitir acesso mais permanente a uma variedade de texturas emocionais que de outra forma só experimentaríamos, acidental e ocasionalmente.

Não há necessidade de nada excepcionalmente doce ou simples nos estados de espírito personificados nos espaços domésticos. Estes espaços podem nos falar de tristeza e melancolia com a mesma facilidade com que nos falam do que é benigno.

Não é necessária uma associação entre os conceitos de lar e de beleza; o que chamamos de lar é qualquer espaço que consiga tornar mais consistentemente disponível para nós as verdades importantes que o mundo mais amplo ignora, ou que nosso eu distraído e indeciso tem dificuldade em manter.

Construímos pelo mesmo motivo que escrevemos: para registrar o que é importante para nós.



Villa Savoye (Le Corbusier: França, 1931)

Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

Considerando-se a capacidade memorial da arquitetura, não pode ser por coincidência que, em muitas culturas do mundo, as primeiras e mais significativas obras tenham sido funerárias.

Há uns 4.000 anos, numa encosta na Pembrokeshire ocidental, alguns dos nossos ancestrais neolíticos ergueram uma série de pedras gigantescas com suas mãos nuas e as cobriram de terra para marcar o local onde um de seus parentes estava enterrado.

A câmara se perdeu com o tempo, assim como o corpo e até a identidade do homem cujo nome um dia deve ter sido pronunciado com reverência nas comunidades ao longo desta orla úmida das Ilhas Britânicas. Mas resta ainda a eloqüente capacidade dessas pedras de transmitir a mensagem comum a toda a arquitetura funerária, desde as sepulturas de mármore até os rústicos santuários de madeira na beira da estrada - a saber, "Recordação".

A pungência da família rudemente cinzelada de pedras musguentas, montando a sua solitária guarda numa paisagem por onde nada passa, a não ser ovelhas e um ocasional andarilho com capa de chuva, é acentuada pela consciência de que não lembramos nada a respeito daquele que ela celebra - além, é claro, do evidente desejo deste líder de não ser esquecido, forte o bastante para inspirar seu clã a erguer uma laje pesando quarenta toneladas em sua homenagem.



Castro Celta de Coaña.
1º milênio a.C.

Lares Ideais

Alan de Botton, in *A Arquitetura da Felicidade*

O medo de esquecer alguma coisa importante pode motivar em nós o desejo de erguer uma estrutura, como um peso de papel para manter no lugar as nossas lembranças.

Podemos até seguir o exemplo da Condessa de Mount Edgumbe, que no final do século dezoito mandou erguer um obelisco neoclássico de nove metros de altura numa colina nos arredores de Plymouth, em memória a um porquinho excepcionalmente sensível chamado Cupido, a quem ela não hesitava em considerar um verdadeiro amigo.

O desejo de lembrar une os motivos pelos quais construímos para os vivos e para os mortos. Da mesma maneira que levantamos marcos e mausoléus para celebrar entes amados perdidos, construímos e decoramos as edificações para nos ajudar a lembrar as partes importantes mas fugidias de nós mesmos.

Os quadros e cadeiras nas nossas casas são os equivalentes - em escala reduzida para o nosso cotidiano e sintonizados com as exigências dos vivos - dos túmulos gigantescos da era paleolítica. Nossos acessórios domésticos também são memoriais de identidade.

